

# Jorge Luis Borges – A noite cíclica

*A Sylvina Bullrich*

Sabiam-no os árduos alunos de Pitágoras:  
As estrelas e os homens voltam ciclicamente;  
Os átomos fatais repetirão a urgente  
Afrodite de ouro e os tebanos e as ágoras.

Em idades futuras oprimirá o centauro  
O coração do lápita ao solípede casco;  
Quando Roma for pó, na infinda noite, com asco  
Gemerá, no palácio fétido, o minotauro.

Toda a noite em minúcias insone há de volver.  
A mão que isto redige renascerá do igual  
Ventre. Férreas armadas erguerão o abissal.  
(David Hume de Edimburgo o mesmo quis dizer.)

Não sei se voltaremos em um ciclo segundo,  
Como voltam as cifras de uma fração periódica;  
Sei, porém, que uma obscura rotação pitagórica  
Noite após noite deixa-me em um lugar do mundo.

Que pertence aos bairros. Uma esquina esquecida  
Que pode ser do norte, do sul, talvez do oeste,  
Que apresenta, porém, sempre uma taipa celeste,  
A figueira sombria e uma vereda rompida.

Aí está Buenos Aires. O tempo, presenteando  
Com ouro ou amor os homens, a mim apenas deixa  
Esta rosa apagada ou esta inútil madeixa  
De ruas que ecoam nomes mortos, evocando

Em meu sangue: Laprida, Cabrera, Soler, Suárez...  
Nomes em que retumbam (já secretas) as dianas,

Repúblicas, cavalos garbosos, as campanas  
Das felizes vitórias, as mortes militares.

As praças demarcadas na noite sem senhor  
São os profundos pátios de um árido palácio  
E suas ruas unânimes que engendram o espaço,  
Corredores de sonho e de confuso temor.

Volta a noite côncava que decifra Anaxágoras;  
Volta-me à carne humana a eternidade constante  
E a lembrança, o projeto? de um poema incessante:  
“Sabiam-no os árduos alunos de Pitágoras...”

**1940.**

**Jorge Luis Borges, O outro, o mesmo**